

Escuta dos Avós: A Avosidade, o Vínculo, e o Tempo

avosidade

CONECTANDO GERAÇÕES



Rafaela Diniz

É uma coisa tão intensa essa experiência de ser avó, que é como se nós, os avós, fôssemos uma comunidade, que só a gente sabe o que é. De vez em quando tem aquele ar de cumplicidade: ‘Ah, você sabe como é!’ Porque é profundo, é intenso é modificador [...].

É com essa fala de Miriam Leitão, jornalista e escritora brasileira, que iniciamos uma reflexão sobre a subjetividade do vir a ser avó. Explorando o portal online [Avosidade](#) é fácil ficarmos maravilhados com as vivências que só o ‘ser-avó’ pode proporcionar. A relação da avosidade é singular e atravessa os significados que se dá ao tempo - como unidade de reestruturação do passado e como expressão de projetos futuros – tema que se intensifica principalmente para os velhos.



Mabel Velloso, escritora e avó de dois netos, já tinha inúmeros títulos publicados antes do primeiro deles nascer, e foi com o encanto deste nascimento que, em suas próprias palavras, sua vida passou a ser avó. Mabel anotava todas as frases interessantes que seu neto dizia, típicas da inteligência inocente e perspicaz da criança. Um dia, no meio dessa brincadeira, seu neto disse qualquer coisa interessante, porém Mabel deixou passar. Ele olhou para a avó e falou - *não vai copiar a frase que disse hoje?* Contando essa história, Mabel lembra: [...] *aí eu notei que ele sabia*

que eu estava copiando as coisas. [...] Fiz um livrinho dele e no dia que ele fez 6 anos, eu fiz o lançamento do livro.

Em *Ele sabia que eu estava copiando as coisas* sintetiza o quanto a relação entre netos e avós pode ser simbiótica: o neto falava, a avó anotava, o neto

sabia, a avó publicava. Juntos, obtêm vantagens desse relacionamento, crescem e se desenvolvem como cúmplices, criam vínculo em um espaço que não poderia ser preenchido por nenhuma outra pessoa. Mas, será que essa relação tão forte realmente precisa se circunscrever apenas ao período da infância? Como a avosidade se estende para a vida adulta?

A partir dos anos 80 a avosidade se tornou uma questão psicossocial na função das relações de parentesco avós-netos. A expectativa de vida aumentou, e os avôs já não são mais exclusivamente pessoas com saúde precária, sem possibilidade de ressignificação da sua existência; as mulheres não são mais as domésticas que cuidam da casa e da família, elas estão ocupadas em tempo integral, conquistando o espaço público, e não mais vivendo em função do marido, dos filhos e dos netos. O arranjo familiar está mais flexível, casais divorciados e mães 'solos' são comuns.

Os avós de hoje raramente tiveram um modelo de avosidade exemplar para seguir, pois as relações deles com seus próprios avós eram, na maior parte, marcadamente formais e emocionalmente distantes, isso quando chegavam a conhecê-los. No contexto social atual a longevidade leva a uma nova vivência como avós, mais perdurável, e a influência entre ambas as partes é recíproca.

A individuação como avós é uma fase em que se admite um papel social em uma nova relação entre gerações. O indivíduo ressignifica sua posição perante os filhos, que agora são pais, se vê confrontado por um novo vínculo e aceita a nova identidade.

Perdas e separações são questões que começam a compor a psique do adulto com mais força a partir da meia-idade, assim como o tema da morte. A morte, por ser inevitável e certa, é um dos principais organizadores da psique humana e compõe o processo de desenvolvimento pessoal desta fase. O indivíduo se confronta com o futuro ou com ausência dele. É aí que o nascimento dos netos se torna um fenômeno particular e cheio de idealizações.

Mabel Velloso deixa bem claro em sua fala simples, mas autoexplicativa, a questão subjetiva do tempo, da morte e da ressignificação pela intervenção dos netos:

[...] com minhas filhas eu tinha preocupação com futuro. Teve épocas em que eu tive medo de morrer e deixar elas pequenas, aquela coisa [...] Com netos eu nunca tive isso, nunca me preocupei porque sabia que ele tinha pai e mãe. Fui vendo que ele não era futuro pra mim, ele era presente [...] um presente com vários significados: presente aquele que a gente recebe embrulhado e entregam à gente, um presente do tempo, do tempo presente. É viver o presente com aquele menino que estava perto de mim [...].

Idealizações dos avós frente aos netos são comuns, pois é com esses relacionamentos que se enxerga a possibilidade de realizar desejos – dentro dos papéis sociais – de investimentos na reparação da própria vida. Na pesquisa de Kipper e Lopes (2006) o nascimento do neto gera, principalmente nas avós, reflexões sobre suas experiências passadas como filha, neta e mãe. Nas palavras de uma das entrevistadas sobre o processo de tornar-se avó: *Eu revivi tudo [...], eu revivi o passado*. Nesta pesquisa, tornar-se avó, foi verbalizado como: “ânimo”, “renovador”, “renascimento”, “a melhor coisa do mundo é ser avó” e “é melhor do que ser pai e mãe”. Os netos apareciam, para essas pessoas, como uma solução trazendo importância e utilidade, no ato de cuidar.

Na atual configuração familiar, os pais sentem dificuldades de organizar seus interesses pessoais, profissionais e parentais, e é aqui que a disponibilidade dos avós, muitos aposentados, entra como fator auxiliar no cuidado com a criança, com uma característica quase que voluntária: desempenha papel no desenvolvimento afetivo e moral da criança sem, no entanto, apropriar-se dos deveres e direitos mais rígidos dos pais. Porém, quando há certa confusão de papéis, com a sobrecarga de compromisso e responsabilidade que podem eventualmente esgotar os avós, o relacionamento entre eles e os pais pode ser afetado.



Esse conflito é sutil, pois se exige que eles estejam disponíveis para responder as demandas de auxílio e conselhos, sem, no entanto, questionar ou criticar os genitores. José Ruy Granda, em uma entrevista para o *avosidade* diz que *“Eu sou avô, não sou um pai. Então por mais que eu me esforce eu não vou cumprir o papel de pai. Eu vou ajudar a ele [neto] entender a figura masculina. Eu acho que ser avô é acima de tudo ser doce”*.

Depois dos pais, os avós são os principais mediadores entre as crianças e o mundo, e essenciais na sua socialização. Muitas vezes a relação de avosidade é vista pelo senso comum como uma relação permissiva, que deixa o neto fazer tudo o que os pais não permitem. Livres das responsabilidades mais cruciais, e de carácter mais punitivo, os avós realmente abrem mais espaço para a expressão dos netos, mas não faz deles sujeitos passivos na criação, e muito menos diminui a importância do aprendizado que passam para os seus progenitores.

O comprometimento como cuidador das crianças é acompanhado de ambiguidades. Para alguns avós, a tarefa de cuidar é sentida como um amor incondicional, um modo pelo qual se obtém prazer e gratificação. Nesse tipo de relação, os netos são vistos como companheiros e salvadores que lhes ajudam

nos momentos de dificuldade. O prazer, no entanto, se mistura frequentemente com a obrigação, que prejudica os projetos pessoais, e não é incomum que os avós se sintam incomodados com o excesso de supervisão que lhes é cobrado. Mesmo assim, poucos avós conseguem abrir diálogo com os filhos para demonstrar que cabe a eles a responsabilidade pela educação das crianças.

Este texto apenas perpassa um tipo de avosidade, pois há avós que rejeitam o papel de cuidador e se distanciam dos netos, convivendo pouco ou nada com eles, e uma das razões pode estar vinculada ao preconceito contra a velhice. O símbolo social de ser avó é ser velho, o que pode ser associado à debilidade, alguém que já não pode mais ressignificar sua vida e não “serve mais para o mundo moderno” – ou seja, coloca o velho em uma situação de exclusão social que modifica e molda todas as suas relações com o mundo.

Quando crianças, a frequência das visitas ou a maneira pela qual o relacionamento dos avós e dos netos se dá é regulada pelos pais. À medida que a criança cresce e ganha autonomia o vínculo com os avós compete com suas outras atividades sociais e, além disso, as fases da vida mudam e os contextos já não são mais os mesmos da infância.

Em uma das conversas, feitas com uma avó e um avô, para este artigo, Wagner Venancio - viúvo, pai de mãe ‘solo’ e avô de uma única neta - expressa a falta que a infância da neta lhe faz:

Sinto saudades das lembranças da infância da minha neta. Como já era aposentado e não tinha que trabalhar, e a minha filha trabalhava muito, saíamos (eu e minha esposa) todos os dias com a minha neta para levar ela em parques, além de brincar muito em casa de várias coisas, como peteca, jogos, e até batia corda pra ela pular dentro do apartamento. Então, ela se divertia e nos distraíamos junto.

O sentimento de saudade presente nesses avós não é impedimento para que as lembranças e os vínculos fiquem no passado, e o simples acompanhamento da vida dos netos pode se tornar muito gratificante para eles, como exemplificado por Cleide Ruiz - mãe ‘solo’ de uma filha e avó de uma neta: *Saber que minha neta se formou em inglês foi uma maravilha pra mim. Ela fazer faculdade é um sonho; sempre foi o meu sonho fazer uma faculdade, mas nunca pude e fico muito feliz que minha neta tenha conseguido.* Não só o acompanhamento do crescimento dos netos se torna gratificante, mas as realizações de sonhos antigos que tomam forma na vida pessoal da neta é, igualmente, recompensador para Cleide.

Para além das memórias e das realizações, os benefícios de um relacionamento recíproco na avosidade podem ser muito mais concretos e visíveis – e os avós confiam nesse vínculo para enfrentar as dificuldades, conforme os seguintes depoimentos:

[...] a minha neta e minha filha são as pessoas que eu mais conto na minha vida e são as primeiras pessoas que eu recorro quando preciso conversar sobre algum problema ou situação. Wagner Venancio

Sinto que posso contar com minha neta com certeza. Até os seus conselhos são os melhores [...] ela me dá exemplo do que vai ser bom ou não. Cleide Ruiz

Os avós ajudaram os netos a crescer, mas assim que os netos se tornam autônomos, e ganham experiência de vida, eles também podem ajudar os avós, inclusive com questões inerentes à velhice.

Com duas expressões emocionadas, que expressam o quanto os laços dos avós e dos netos podem continuar fortes quando não são restringidos ao período infantil, finalizo esta reflexão. A pergunta foi - qual ajuda física ou psicológica os netos ofereceram, e que foi de muita importância para os avós entrevistados. Eis as respostas:

Emocionalmente a ajuda dela [neta] sempre foi importante, só o fato da companhia dela. Especialmente quando minha esposa faleceu. Minha neta fez questão que eu dormisse no quarto com ela nos primeiros dias. Na noite depois do velório e enterro, acordei triste, chorando de madrugada, e minha neta acordou para ficar conversando comigo na cama, me consolando e me apoiando. Wagner Venancio

Quando eu fui para o hospital uma vez, fiquei em coma por um mês e quando eu voltei perdi a sensibilidade de andar. Tinha perdido os movimentos. Aí minha neta me ajudou a voltar a andar. Quando estava sentada no sofá ela pegava pelas minhas mãos e me levava para onde eu tinha que ir. Me ajudava a ir no banheiro, a tomar banho, a andar pela casa...No que eu precisar ela sempre me apoia. Eu me lembro sempre disso e conto para todo mundo. É o doce da minha vida. Cleide Ruiz

Referências

AVOSIDADE. Miriam Leitão: “Quero ser uma boa lembrança quando forem adultos”. Disponível em: <https://avosidade.com.br/miriam-leitao-querer-ser-uma-bom-lembranca-quando-forem-adultos/> . Acesso em 10 nov. 2017.

KIPPER, C. D. R. & LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 22(1), 29-34, 2016.

JUNQUEIRA, E; SOUZA, J.L. Mabel Velloso: netos são 'presente' em vários sentidos. Disponível em: <https://avosidade.com.br/mabel-veloso-netos-sao-presente-em-varios-sentidos/>. Acesso em 18 set 2017.

JUNQUEIRA, E. e SOUZA, J.L. 'Meu neto me salvou'. Disponível em: <https://avosidade.com.br/meu-neto-me-salvou/>. Acesso em 15 out 2017.

Data de recebimento: 05/12/2017; Data de aceite: 22/03/2018.

Rafaela Diniz - Estudante de Psicologia da PUC. Texto apresentado na disciplina eletiva do curso de Psicologia da PUC-SP, intitulada "Escutas virtuais da longevidade: vozes dos 60+ inscritas nas redes sociais", ministrada pelas professoras Ruth. C. Lopes e Beltrina Côrte no segundo semestre de 2017. E-mail: rafaela.rdiniz@outlook.com